



## Relacionamento Humano e Tecnologia

### CONSTRUTORES DE PONTES

*"Você sabe o que é um Pontífice? Certamente que sim. Pontífice é o sacerdote de maior hierarquia numa religião. É um "pontífice". Contudo, queremos falar sobre o significado desta palavra na Antiguidade. Pontífice era um construtor de pontes."*

*Como você pode perceber, todos nós podemos ser pontífices, mesmo que não tenhamos a menor idéia de como se fazer madeira, de aço ou de concreto. Podemos construir pontes de relacionamento entre nós e outras pessoas. Essa ponte é feita por amor e respeito para os corações das outras pessoas.*

*Construir pontes é construir relacionamentos, e para que esse relacionamento seja saudável e duradouro temos que respeitar as características da pessoa, ao mesmo tempo em que anulamos ou controlamos alguns dos nossos impulsos menos desejáveis.*

Os últimos duzentos anos modificaram profundamente a face do planeta. Nações antes poderosas mergulharam no esquecimento e estabeleceram com base na automação e na informatização. Avanços significativos que se por um lado trouxeram grandes possibilidades novas, por outro tornaram a vida sofisticada e no entanto, mais triste.

O texto que usamos como epígrafe nos sugere a construção de novas pontes de relacionamento, diante das transformações humanas assimiladas pelo grosso da população, o que tem gerado não apenas o distanciamento entre as gerações, como também o distanciamento entre as pessoas humanas.

As relações sociais sofreram profundas mudanças, e no seu bojo a família tradicional perdeu seu lugar, bem como a comunidade, também se extinguiu no torvelinho das dores coletivas e das prementes necessidades de sobrevivência, que leva milhões de todas as idades a viver em busca do sustento diário sob condições adversas, sem muitos espaços ou momentos para alimentarem o espírito cansado pelas lutas diárias.

A sociedade hoje, disse Humberto Eco, não é mais como uma praça onde as pessoas se encontravam para conversar e relacionarem-se, informarem-se e compartilhar experiências. A sociedade hoje é como uma avenida, onde as pessoas passam sem se verem ou se falarem, apenas observando as vitrines.

Nem mesmo Kubrik poderia imaginar que 2001 chegaria e passaria sem nenhuma odisséia no espaço. Pelo contrário, um dia rumos da história aconteceu aqui mesmo em terra firme. Nem George Orwell, em seu "1984", imaginou que o Grande Irmão com olhos eletrônicos onipresentes e vozes monotônicas e repetitivas até a exaustão. Um admirável mundo novo não pensava em nossa volta, onde cabe muito bem o Eu robô, de Isaac Asimov.

Em meio a todos esses prognósticos sombrios, uma humanidade cansada de guerras anseia por segurança e paz, diante do medo e das ideologias. Restou um amplo espaço para todos os tipos de esoterismos e para seitas que buscam preencher os vazios do desespero das multidões miseráveis com uma teologia que promete prosperidade infinita. Há uma busca generalizada por um sentido para a existência.

A tecnologia da qual nos servimos quase que obrigatoriamente, paradoxalmente nos une, limita e separa. Na era da comunicação, para encontrar tempo para relacionamentos mais estáveis. "Não tenho tempo". Essa é uma frase comum, e aqueles que as proferem estão mentindo. A mesma tecnologia que nos possibilita rápidos contatos nos impede o diálogo com calor humano. Essa é a tecnologia que nos rouba o tempo para conviver e saborear a vida.

Alteridade é uma palavra que ainda soa estranha aos nossos ouvidos. Propõe uma nova ética de relacionamento e, portanto, um respeito perante os que pensam ou são diferentes de nós. Não um relacionamento morno e amorfo, pasteurizado, onde não possa existir as diferenças naturais de opinião, que são indicadores de saúde e vitalidade na comunidade humana. Somente a tirania pode estabelecer o silêncio absoluto e a paz de superfície. A alteridade é possível se houver a superação da robotização dos relacionamentos.

Apesar do quadro sombrio que se nos apresenta, é preciso convir que a humanidade tem sabido contornar situações-limite. Os Assírios e babilônios, caldeus e persas, egípcios, gregos e romanos, superaram as ausências dos pilares de sustentação de suas sociedades, herdeiros do nosso passado, diante da necessidade de reinventar caminhos, desta vez mais amplos, por onde possam seguir.

peçoas.

Num mundo onde a violência predomina, o diálogo, a convivência respeitosa e a disposição de ouvir o outro e solucionar co torna-se questão de sobrevivência. Alguns mais pessimistas antecipam o clíocídio, o fim da história. Porém, a felicidade é pos ser conjugada no futuro, pois no presente apenas ansiamos por ela e a construimos aos poucos.

A convivência com base no diálogo também é possível, mas depende de determinação e de boa vontade, de disposição de espí longo e talvez penoso exercício de tolerância baseada no respeito pelas razões alheias.

- Paulo R. Santos (MG)

Correio eletrônico: [prsantos@teleon.com.br](mailto:prsantos@teleon.com.br)